Planejamento de atividade com correspondência como fonte histórica

Disciplina: Didática e Prática de Ensino da História II

Prof.ª Carina Martins

Al.: Felipe Macedo

**Tema do conjunto de aulas:** Era Vargas (1930-1945)

**Tema da atividade:** A Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo

**Série dos alunos:** Aula direcionada ao Ensino Médio, 2º ou 3º ano, dependendo de quando se encaixa o tema no programa da escola.

**Conteúdo da aula:** Análise de carta enviada por Pedro de Toledo, então interventor de São Paulo, em 9 de maio de 1932 para Getúlio Vargas, então chefe do Governo Provisório e do telegrama de mesmo remetente e destinatário datado de 10 de julho de 1932, indicando a renúncia do mesmo da Interventoria.

**Duração da atividade:** 50 minutos

**Sequência didática anterior:**

Aula 1- Revisão da “República Velha”. Dos Marechais à República do “café com leite”. A força política de São Paulo, as forças estaduais secundárias (regionalismos); Tenentismo; PCB. Um panorama geral resgatando os principais pontos

Aula 2- A Revolução de 1930, heterogeneidade da Aliança Liberal (tenente, oligarquias dissidentes, liberais urbanos; etc.) unidas quase que apenas pela oposição ao regime oligárquico dominado por São Paulo. O enfrentamento das facções no pós-30, tendência centralizadora e militar no Estado, oposição federalista e liberal. A exigência de um regime constitucional principalmente por São Paulo (mas também em RS e MG). A troca frequente dos Interventores de São Paulo (4 no total) até Pedro de Toledo. Mostrar sua participação no movimento de 1932. Acompanhamento dos fatos que deflagraram a Revolução Constitucionalista.

Alua 3- Atividade com a carta e o desfecho da Constitucionalista

**Sequência didática posterior:**

Aula 4- Os desdobramentos da Revolução Constitucionalista; convocação da Constituinte; desgosto de Vargas pela constituição de 1934; a eleição de Vargas; o levante comunista de 1935; medo do comunismo; conspirações de várias facções em apoio de Vargas que não queria deixar o poder (proibido de se reeleger) até o golpe de 1937.

Aulas 5 e 6- O Estado Novo

**Atividades da aula:**

1) Organização da sala – 5 minutos

2) Retomando os principais pontos da última aula – 5 minutos

Relembrar a centralização e militarização do poder por parte de Vargas, as políticas trabalhistas adotadas e principalmente a política dos interventores. Retomar a revolta da elite paulista com os interventores, a sucessão dos 3 primeiros até a posse de Pedro de Toledo.

3) Relativizando a comunicação – 8 minutos

O objetivo aqui é começar uma conversa com a turma perguntando como eles acham que Vargas, por exemplo, se comunicava com seus interventores. Se ninguém falasse nada, estimularia perguntando “mandava um sms?”, “chamava no whatsapp?”, “email?”, esperando que alguém fale carta. Continuaria a indagar falando “mas tinha anúncio que chegava no mesmo dia em outro estado, como que a carta chegava tão rápido?” para falar do telégrafo. Em seguida vou apresentar brevemente os dois documentos que serão trabalhados, uma carta de Pedro de Toledo indicando as linhas gerais pelas quais pretende guiar seu governo em São Paulo e depois sua renúncia enviada por telegrama.

4) Leitura dos 2 documentos da aula – 8 minutos

Os documentos estão disponíveis no acervo do CPDOC e podem ser consultados online. O número de chamada da carta (Doc 1) é (GV c 1932.05.09/1) e o do telegrama de renúncia (Doc 2) é (GV c 1932.07.10/2). Pedirei que os alunos leiam silenciosamente e anotem eventuais comentários.

5) Análise das correspondências – 24 minutos

De primeiro, eu perguntaria o que a turma achou dos documentos, esperando que alguém inicie o debate. Como essa parte é difícil de prever, isto é, não se sabe exatamente como a turma vai proceder, considerarei que eles não digam nada, colocando os pontos da carta que eu acho que deveriam ser abordados. Esses pontos serão os balizadores do debate que pretendo conduzir, mas não precisam ser abordados nessa ordem. Deixarei que a dinâmica da aula mostre por quais devo começar.

- A carta é a comunicação entre dois polos, o remetente e o destinatário. Para começar a interpretação devemos saber quem são esses dois polos. Nesse caso, Vargas será assumido como conhecimento geral, já comentado nas aulas anteriores, reiterando apenas alguns pontos principais e a sua dinâmica governamental conciliatória, tentando equilibrar as forças políticas ao mesmo tempo que se mantém no poder. De Pedro de Toledo, vou expor uma breve biografia, mostrando como ele foi um articulador republicano e depois um membro do Partido Republicano Paulista, mas com ressalvas e momentos de desacordo com a direção e membros do mesmo. Comentarei seu afastamento da vida política devido à complacência para com revoltosos de 1924 (tenentes), mostrando que, apesar de uma figura vinda das elites políticas do Estado, ele tinha certa simpatia pelo tenentismo e já havia demonstrado apoio a militares com seus ideais de rompimento com o “Café com leite” na época da eleição do Marechal Hermes.

- Depois vou analisar separadamente os documentos, começando pela carta (Doc 1). Vou pedir para que os alunos me indiquem a data em que foi escrita e o local. Lembrarei que essa data é aproximadamente um mês após a posse do interventor, depois dos já falados problemas com os outros que vieram. Tentarei conduzir o debate ao ponto de destacar que essa carta é a indicação das diretrizes que tomará daqui para frente, tentando mostrar que Pedro de Toledo era uma escolha conciliatória, que tomaria medidas conciliatórias, indicando em sua carta que pretende se aproximar da elite paulista para evitar um conflito que era iminente.

- O formato da carta será destacado. O selo do “Gabinete do Presidente do Estado de São Paulo” onde se escreveu “Interventor no” por cima de “Presidente do” mostra que a ordem anterior ainda é muito recente e que aquele que estava no comando não era mais alguém governando por escolha local. Era interventor NO estado, não DO estado, o que sugere que a ordem vem de cima. O “confidencial” mostra como essa era uma correspondência importante no alto escalão do governo e que, na época, era assim que se fazia a comunicação. Comentarei que em outra carta do arquivo Pedro de Toledo designa seu cunhado como portador das correspondências para a presidência, visto que era fundamental a confiança para transitá-las (aqui podemos fazer referência à espionagem no Governo Dilma, mostrando que essas informações são valiosas e não estamos mais seguros hoje em dia com a internet que antigamente, por exemplo). O tratamento que Pedro de Toledo usa também é fundamental. “Chefe do Governo Provisório” e não “Presidente”, mostrando como reconhecia o atual chefe de Estado e seu caráter transitório, mas, ao mesmo tempo, ressalva que ele deve fazer da Revolução vitoriosa. Vemos mais uma vez que Pedro de Toledo é uma figura de diálogo com as duas partes e, por esse motivo, foi alocado na Interventoria.

- No conteúdo, o interventor cita um relatório feito por algum homem de confiança de Vargas, provavelmente um tenente mais ortodoxo ideologicamente, que assinala a proximidade de Pedro de Toledo com as elites paulistas. Toledo critica essa crítica, mostrando que em diversos episódios foi contrário as posições das elites comentadas e que não se colocaria na política em época tão avançada da vida para cometer desvios. Toledo se mostra em discurso propenso a uma saída pacífica para a crise, conciliando os dois lados, o que mais tarde é confirmado em outra carta também presente no arquivo. Caso os alunos demonstrassem muito interesse na atividade, na qual o interventor indica o secretariado que assumirá, pode ser objeto de um trabalho ou avaliação. Ao mesmo tempo ele mostra que, por essa posição de intermediador, ele não está tranquilo no cargo e sofre pressões. O conteúdo da carta indica a análise de Toledo sobre a solução do problema: ou Vargas intervém militarmente, o que é mal visto por Toledo, ou procura a saída conciliatória que ele vai tentar conduzir nos meses seguintes.

- Sobre as apropriações da carta, comentarei que ela está no acervo do CPDOC/FGV, falando um pouco do arquivo de Vargas, de como ele chegou lá e de como é importante para a história do Brasil. Aqui tentarei mostrar para os alunos que a carta não prova o que sabemos, mas é justamente através dessa correspondência (o que vale para qualquer outra fonte), que nós traçamos as hipóteses históricas e as teses que eles aprendem. O historiador parte dessas fontes, elas não corroboram uma tese.

- A escrita diferente dos dias de hoje também pode ser comentada, para eles perceberem que a língua é algo em constante mudança, assim como tivemos a mudança ortográfica recente, outras já aconteceram ao longo do último século.

- Em seguida, começarei a analisar o telegrama (Doc 2). Lembrando o desenrolar dos fatos, o fracasso da tentativa de conciliação através da escolha de um novo secretariado, aos protestos durante a visita de Oswaldo Aranha e o agravamento da crise. Será comentado que Pedro de Toledo até o último momento foi contrário a uma reação militar das elites paulistas e que tentou se desvencilhar do comando do Estado, mas, aclamado pelos revoltosos, permaneceu como dirigente civil do regime.

- A primeira característica a se notar é o do meio. Ao contrário da carta, o telegrama é uma informação rápida e reduzida, ou seja, informa fatos importantes que deveriam ser comunicados imediatamente. No tratamento, Toledo ainda se refere a Vargas como Chefe do Governo Provisório, reconhecendo sua autoridade como tal, isto é, ele permanece na posição ambígua entre as elites paulistas e o governo central. Toledo anuncia a rebelião, mas conclama a paz e a ordem no país, reconhece o governo provisório, mas indica que permanecerá como representante do Estado de São Paulo. Podemos interpretar esse tratamento como uma boa análise do que se passava, pois Toledo sabia que a revolta estava restrita a São Paulo, tendo o resto do Brasil ainda sob controle de Vargas, apesar dos descontentamentos de outras elites regionais. Em situação delicada, Toledo parece hesitante em suas determinações.

- A linguagem utilizada é mais direta que a utilizada na carta, que é um momento de reflexão maior e exposição mais pormenorizada dos fatos.

- Não está dito, no telegrama, como que ele irá proceder a partir de então. A conciliação se tornou inviável, nas suas palavras, mas o “como agir” a partir daqui não estava claro, o que sugere um momento de indecisão, compatível com o dia do telegrama, feito imediatamente após o anúncio da rebelião.

- Por fim, retomarei os acontecimentos posteriores da rebelião indicando sua derrota militar e o conteúdo da próxima aula.